

Imaginar a Igreja

Imaginar a Igreja é necessariamente uma operação complexa. Imaginar é lembrar, mergulhando nas raízes da história, dela tirando o acontecimento que institui e funda.

Imaginar é desvendar o real, rompendo através das imagens do presente até ao âmago da figura original que nos grupos sociais e nas construções mentais se revela e se esconde.

Imaginar é inventar e criar, colhendo no tempo aparentemente informe do futuro, o acontecimento e a figura que nele se contém na penitente só pressentida da palavra e do acto.

Mesmo esta dissecação não é correcta. Porque estamos na fronteira entre a opacidade das coisas terrenas e a fugacidade do Mistério, tempo passado, presente e futuro adquirem outro significado. Confundem-se e interpenetram-se não na sucessão dos factos mas na leitura do seu sentido. Está toda a tradição cristã cheia dessa aparente confusão que é a actualização do passado e a antecipação do futuro. O Cristo vivo hoje é a presença absoluta de uma realidade histórica, de um acontecimento singular e a aproximação no agora do horizonte último da própria história. No hoje condensa-se o memorial e a escatologia. Reciprocamente é o hoje vivido na continuidade do tecido histórico da existência que anuncia o futuro e o prefigura.



Na Catedral Notre-Dame de Paris, dizia há poucos anos o Cardeal Marty esta frase que sintetiza essa interpenetração do tempo: " Na Bíblia, a lembrança é sempre profética".

Não é preciso sequer qualquer teoria para nos dar a justificação do que significa a lembrança.

Na nossa vida individual, sabemos quanto encontramos de reforço de nós mesmos, de descoberta da nossa identidade, no acto de lembrar . Que seria de nós sem "os longes da lembrança" que nos dizem quem somos e porque somos assim? E a espaços, nesse tempo subjectivo da nossa vida, os acontecimentos que nos estruturaram e nos restituíram ao nosso próprio destino: o encontro com outros, a descoberta de um jeito próprio de ver as coisas e de lhes tocar, a dor ou a alegria que nos revelaram segredos escondidos no nosso coração e no coração da vida. E é ver, como de repente, numa cara já marcada pelos anos, se avivam os traços, se anima o olhar, se desvenda a energia guardada, ao trazer à lembrança os factos decisivos. Não é o saudosismo do tempo passado que provoca tal mudança, mas sim a afirmação da própria identidade pessoal.

O que se passa individualmente connosco passa-se também ao nível de cada grupo social e de cada povo. Um povo vive, existe a partir da lembrança comum. São os grandes momentos da história, já antiga ou bem recente, que unem os cidadãos de um mesmo país e lhes dão a consciência da unidade nacional. Basta olharmos a impor-



tância de que se reveste nos povos que há pouco tempo acederam à independência a celebração da libertação nacional para termos uma indicação do papel estruturador da lembrança na criação da consciência colectiva. E não basta referir só esse aspecto: haveria que meditar ainda na mobilização que gera a lembrança dos feitos comuns. Um povo ganha coesão e dinamismo, inventa-se e projecta-se, a partir da lembrança que se mantém viva.

O Povo de Deus não é uma excepção a esta lei geral. Na história que dele é contada no Antigo Testamento, há o vai-vem constante entre a lembrança e o esquecimento.

De cada vez que o Povo de Deus "se esquece" das promessas de Deus, desorienta-se, perde-se, a infidelidade esvazia-o da unidade prometida, e a escravidão ou o exílio são então o seu caminho.



Pode dizer-se que Deus, durante a longa aprendizagem de Deus que há-de fazer o Povo de Israel, não faz outra coisa senão vir lembrar. E raramente sugere de forma imperativa alguma coisa. A sua pedagogia, o seu diálogo com o Povo é um apelo constante à lembrança. Cimenta assim a consciência do Povo enquanto comunidade. E gradualmente faz-lhe compreender que é na fidelidade de actos e memória às promessas de Deus que o Povo se constitui em Povo escolhido, em "Nação santa",

Fundação Cuidar o Futuro

Da sua existência vão dar conta a comunidade dos discípulos e os Evangelhos. Tradição e Escritura são a memória viva da promessa de Deus em Jesus Cristo. A Revelação de Deus é a busca contínua dessa memória e a sua permanente interpretação.

O acontecimento de Jesus Cristo torna-se presente à vida dos homens pela comunidade que dele faz memória. Presente onde "dois ou três se reúnem em Seu nome", presente na palavra de Deus, presente nos ministros do altar, Cristo está sobretudo presente no "memorial da sua Ceia". É aí que a sua lembrança, de tão viva e fundadora que é, se torna, na esfera da lógica única do Mistério, na Sua presença viva e actuante.



Como uma voz ansiosamente escutada ressoa, com o seu timbre e o seu calor, para além das distâncias dos continentes e dos mares. Como um sinal -flor, palavra, dom- vindo de longe traz, de repente, diante de nós, a mão que o envia. Como um quase nada -ou a diferença que é tudo- torna tangível a presença da ausência. Como isso... mas para além de tudo isso.

Porque Cristo ao dar-se a si mesmo se deu também à memória da humanidade ("Fazei isto em memória de mim."), Fez-lhe assim a maior promessa: a de um memorial que recapitula, actualiza, torna vivo o acontecimento inicial.

Por isso, o cerne da vivência da Igreja não está em doutrinas ou teologias, todas elas necessariamente limitadas no tempo e na expressão. Tão pouco está em normas ou regras, que nascem de um espaço e de uma cultura e para eles de novo se orientam.

É na adesão ao memorial de Jesus Cristo que a experiência cristã balbucia as suas certezas e esboça os seus valores. Aí toma corpo a decisão da Fé, que radica na lembrança de Jesus Cristo e a ela continuamente vai buscar a força e a sabedoria. "Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos."

Imaginar a Igreja hoje significa, antes do mais, esta interrogação: é a Igreja o lugar desta lembrança? Como é fácil que a Igreja se torne veículo de outras recordações: dos tempos passados, das doutrinas parcelares, dos ensinamentos datados! É certo que tudo pode ser dito em nome de Jesus Cristo, mas o grande desafio do nosso tempo está para além das teorias: "a Igreja é chamada - e cada crente com ela - a redizer a si própria porque se interessa por Deus, porque está feliz com Deus e em que consiste para ela sentir-se feliz com Deus" (P. Liégé, pg. 15, "Le temps du défi");

Como fazê-lo senão na memória do Cristo vivo e por causa dessa memória? É porque a experimenta como memória actuante e transformadora da vida que na acção de ida até ao centro da imagem, a Igreja desvenda o real.

Fundação Cuidar o Futuro

Se "a lembrança na Bíblia é sempre profética", isso significa que o Povo de Deus, a Igreja hoje, não pode deixar de ser parte dos acontecimentos e factos da história humana. Só vivendo por dentro a história a Igreja pode inserir nela a lembrança que simultaneamente denuncia e anuncia.

